



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A PRÁTICA DO BOM PROFESSOR

Zenaide Galvão

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Universidade Camilo Castelo Branco – Unicastelo
LETPEF (Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física)
Unesp – RC

Resumo: Este estudo buscou levantar as competências ou características daquele professor considerado bem-sucedido em sua intervenção profissional. Em seguida, focalizou a prática pedagógica de uma professora de Educação Física escolar em situação real de ensino.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Formação Profissional.

SCHOOLAR PHYSICAL EDUCATION: PRACTICES OF THE GOOD PROFESSOR

Abstract: This research had as objective to take competences or characteristics of a successful teacher, after that focused the pedagogical practice of a teacher of Schoolar Physical Education in a real situation of learning.

Keywords: Schoolar Physical Education; Professional Formation.

INTRODUÇÃO

O professor exerce uma função única dentro da escola. Ele é o elemento de ligação entre o contexto interno –, a escola, o contexto externo – a sociedade –, o conhecimento dinâmico e o aluno. Contudo, segundo Cunha (1996), o papel do professor não se encontra claramente definido e nem valorizado. Além disso, não podemos nos esquecer de que o professor é fruto de um determinado contexto histórico e social.

Vários estudos abordam esse tema para questionar, principalmente, a formação acadêmica dos professores, pois o bom desempenho das suas funções depende, em parte, de como ocorreu essa formação. Diz-se em parte pois, além dessa formação, é necessário observar as características da personalidade de cada indivíduo. Além disso, de acordo com levantamentos feitos por Darido (1996) em seu trabalho, nem sempre os conhecimentos adquiridos na formação são utilizados, durante a prática pedagógica, pelos professores de Educação Física.

Este artigo pretende, além de abordar os tipos de formação profissional em Educação Física, levantar as características do professor considerado bem-sucedido em sua intervenção profissional e, em seguida, apresentar a prática pedagógica de uma professora em situação real de ensino.

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Buscando relacionar a ação pedagógica do professor à sua formação profissional, Darido (1996) identificou dois tipos de formação: aquela tradicional, voltada à valorização da prática esportiva em detrimento de outras práticas educativas, valorização da competição e da performance, e outra mais científica, a qual enfatiza a teoria e o conhecimento científico derivado das ciências-mães.

No primeiro tipo de formação parece não haver dúvidas quanto à prática pedagógica dos professores, pois ambos coincidem quanto aos valores. O papel do professor é bastante aproximado ao papel do treinador. Ele seleciona e organiza os conteúdos, a metodologia e a avaliação, ele é disciplinador, ou seja, ele é “um treinador que vigia, dirige, aconselha, corrige” Château (apud Silva, 1988, p. 56). Além disso, ele mantém relações impessoais com os alunos, com o objetivo de garantir a sua autoridade.

No entanto, na formação mais científica, a qual tenta corrigir as falhas detectadas na formação dita tradicional, os resultados da prática não se apresentaram muito bem, pois, de acordo com Lawson (apud Darido, 1996, p. 46), “os conhecimentos derivados das ciências-mães não chegaram a influenciar definitivamente a prática”, ou seja, os conhecimentos adquiridos, por exemplo, em disciplinas (ou sub-áreas) como Fisiologia do Exercício, Aprendizagem Motora ou Sociologia não são utilizados pelos professores em suas aulas, ficando sua prática pedagógica atrelada ainda aos esportes tradicionais, ao gesto técnico ou à postura acrítica.

Além disso, Betti (1996), também citando Lawson, aponta para mais duas considerações a esse respeito. Em uma delas, ele relata que não há garantia de que o conhecimento produzido nas subáreas de pesquisa, supracitadas, possa ser transportado para os diversos locais onde ocorre a prática profissional, pois suas características podem ser variadas e complexas, ou seja, não é possível generalizar esse conhecimento para a prática pedagógica do professor, pois o contexto da prática não pode ser controlado. Na outra consideração o autor relata que:

Profissionais não pensam, agem ou falam como pesquisadores; profissionais e pesquisadores trabalham em diversas comunidades epistêmicas; pensam e agem de maneira diferente porque tiveram diferentes experiências de socialização, além de serem diferenciadas as exigências das suas carreiras profissionais e as demandas no seu trabalho. A própria linguagem da pesquisa e do conhecimento científico – formal e codificada – não é a mesma linguagem da prática profissional – cotidiana e informal (Betti, 1996, p. 102).

Conseqüentemente, esse tipo de formação não garante que o papel do professor, o qual deveria estar centrado na preocupação com o desenvolvimento global do ser humano em todos os seus aspectos, esteja sendo cumprido. Lorenzeto acredita que isso pode estar ocorrendo, provavelmente, porque aquelas disciplinas destinadas a valorizar o ser humano não estão sendo abordadas de maneira adequada, ou seja, a Psicologia, a Filosofia e a Sociologia:

[...] apresentam programas cujos objetivos e conteúdos preocupam-se mais com fatos históricos e metodológicos do que propriamente com a problemática das relações humanas, entremeadas pelo medo, pela desconfiança, pela vaidade, pela coragem, pela covardia, pela agressividade, pela empatia, pela alegria, pelo amor, pela amizade, pela esperança, pela descrença, pela responsabilidade, pela fantasia [...] (Lorenzeto, 1993, p. 5).

Portanto, dentre os objetivos de estudar o papel e o perfil do professor de Educação Física, destaca-se a busca por um tipo de formação profissional capaz de, senão sanar, ao menos amenizar os problemas expostos acima.

Para a concretização deste trabalho, meu olhar esteve voltado para, ou procurou focalizar, o papel do professor bem-sucedido, preocupado não só com o ensino de habilidades, mas também com a formação integral do aluno.

AS CARACTERÍSTICAS DO PROFESSOR BEM-SUCEDIDO EM SUA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL

De acordo com Machado (1995), o professor, no desempenho de sua função, pode moldar o caráter dos jovens e, portanto, deixar marcas de grande significado nos alunos em formação. Ele é responsável por muitos descobrimentos e experiências que podem ser boas ou não. Como facilitador, deve ter conhecimentos suficientes para trabalhar tanto aspectos físicos e motores, como também os componentes sociais, culturais e psicológicos.

Isso significa que, além da capacidade de ensinar conhecimentos específicos, é também papel do professor transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade. Fica claro que não se pode transmitir todos esses aspectos descartando o aspecto afetivo – a interação professor-aluno (Cunha, 1996).

Silva (1992), na busca pela definição do professor bem-sucedido, encontra diversos estudiosos (Guarnieri, 1990; Kramer & André, 1986; Lellis, 1989; Libâneo, 1984; Mello, 1982) que apontam algumas características básicas desse professor. Três aspectos são comuns a todos os estudos revisados: domínio do conteúdo e metodologia; envolvimento e apropriação da realidade dos alunos; e caráter reflexivo do trabalho docente.

A autora agrupou as características encontradas em três aspectos: técnicos, afetivos e sociopolíticos, embora ela não descarte a interligação entre eles.

I. Nas características técnicas, o professor bem-sucedido:

1. Conhece seus alunos e adapta o ensino às suas necessidades, incorporando a experiência do aluno ao conteúdo e incentivando sua participação.
2. Reflete e pensa sobre sua prática.
3. Domina conteúdo e metodologia para ensiná-lo.
4. Aproveita o tempo útil, tem poucas faltas e interrupções.
5. Aceita responsabilidade sobre as exigências dos alunos e seu trabalho.
6. Usa eficientemente o material didático, dedicando mais tempo às práticas que enriquecem o conteúdo.
7. Fornece *feedback* constante e apropriado.
8. Fundamenta o conteúdo na unidade teórica-prática.
9. Comunica aos alunos o que espera deles e por que (tem objetivo claro).
10. Ensina estratégias metacognitivas aos alunos e as exercita.
11. Estabelece objetivos cognitivos tanto de alto quanto de baixo nível.
12. Integra seu ensino com outras áreas.

II. Nas características afetivas, o professor bem-sucedido:

1. Demonstra interesse, entusiasmo, vibração, motivação e/ou satisfação com o ensino e seu trabalho, valorizando seu papel.
2. Desenvolve laço afetivo forte com os alunos.
3. Mantém clima agradável, respeitoso e amigo com os alunos – “atmosfera prazerosa”.
4. É afetivamente maduro (não, “bonzinho”).

III. Nas características sociopolíticas, o professor bem-sucedido:

1. Conhece a experiência social concreta dos alunos.
2. Possui visão crítica da escola e de seus determinantes sociais.
3. Possui visão crítica dos conteúdos escolares.

É possível, ainda, refletir a respeito do professor considerado bem-sucedido e sua prática pedagógica sob a perspectiva da Dimensão dos Conteúdos, apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998). Nessa perspectiva, os conteúdos escolares são abordados em três dimensões: Conceitual, Procedimental e Atitudinal.

A Dimensão Conceitual refere-se à abordagem das regras, técnicas, dados históricos das modalidades e ainda reflexões a respeito da ética, estética, desempenho, satisfação, eficiência. A Dimensão Procedimental diz respeito ao conteúdo ensinado pelo professor, que não deve girar apenas em torno das habilidades motoras e do esporte, mas também da organização, sistematização de informações e aperfeiçoamento. A Dimensão Atitudinal inclui não só a focalização por parte do professor nas normas, nos valores e nas atitudes, mas também sua vivência dessas durante as aulas; ou seja, não se trata apenas de abordar a cooperação, é preciso vivenciá-la.

Parece difícil encontrar professores que revelam no seu cotidiano todos esses aspectos e, segundo Silva (1992), é indiscutível que o professor que reunir a maior parte dessas características dificilmente falhará em sua prática pedagógica. Entretanto, a concretização de todos esses aspectos depende também do contexto escolar em que se encontra esse professor.

Em minha dissertação de mestrado, procurando perceber a influência da interação professor-aluno no interesse do educando pelas aulas de Educação Física na escola, encontrei durante observações de aulas em escolas públicas da cidade de Rio Claro (SP) uma professora que demonstrou possuir todas as características de um bom ou bem-sucedido professor (Galvão, 1999).

Essa professora cursou a licenciatura em Educação Física em uma instituição particular de ensino, localizada no interior do Estado de São Paulo, na década de 1970. O tipo de formação foi o tradicional, cujas características encontram-se descritas anteriormente, apontadas por Darido (1996).

A seguir, procurarei descrever alguns momentos interessantes da intervenção pedagógica dessa professora, extraídos de um período de observação de, aproximadamente, três meses, durante os quais foram assistidas 20 aulas.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA CONSIDERADA BEM-SUCEDIDA

Essa professora está próxima da aposentadoria, porém é uma pessoa cheia de disposição, já foi diretora dessa escola e está sempre pronta para ajudar a direção nas questões que envolvem problemas de disciplina dos alunos. Além disso, procura cuidar da escola, solicitando que os alunos recolham os papéis espalhados pelas quadras e pela sala de aula. Ela mesma sempre dá exemplos de como proceder, por vezes joga água nas plantas dos jardins da escola. Considera-se uma boa professora, pois, diferentemente dos demais professores, relata que “*não dá a bola e sai*”.

Durante a organização das aulas, os alunos são divididos para as atividades de várias maneiras. Em uma aula a professora os dividiu para jogar handebol utilizando o número da chamada, e meninos e meninas jogaram juntos. Em outra situação, deixou que os alunos escolhessem seus times, porém ainda colocou meninos e meninas juntos. Os times de voleibol também são mistos. Em algumas aulas os meninos jogam separados das meninas, principalmente futebol, mas parece não haver uma preocupação muito grande sobre isso.

Um episódio interessante foi a organização, pela professora, de um jogo de futebol cujos times eram de meninos contra meninas, os alunos se divertiram bastante. A professora apitou o jogo e, quando os meninos marcaram um gol, ela sorriu e perguntou para as meninas onde estava a defesa. O clima dessa atividade pareceu muito prazeroso. Um menino se aproximou da professora e pediu-lhe que o deixasse jogar no time das meninas, ela permitiu, e ele jogou até o final sem problemas. Foi possível perceber que não havia uma ênfase na performance máxima, mas sim na diversão que o próprio jogo proporcionava.

Em uma das aulas observei os alunos discutindo sobre a separação das equipes. Eles não concordavam em alguns pontos, a professora presenciou e deliberadamente permitiu que resolvessem seus conflitos, o que ocorreu rapidamente. Em outras aulas percebi a professora auxiliando na resolução dessas desavenças, conversando com os alunos e encontrando soluções. E isso aconteceu não apenas nas divisões das equipes, por várias vezes a vi resolvendo conflitos nos casos de alunos rejeitados pelos outros por inabilidade ou redundância.

Essas turmas eram de 5ª e 6ª séries, portanto, o hábito de realizar as atividades em conjunto – meninos e meninas – fazia com que os conflitos fossem amenizados, pois esses alunos não tiveram a oportunidade de participar de aulas de Educação Física com turmas separadas por sexo. Além disso, o fato de a professora não salientar as diferenças e tratar todos de maneira igualitária provavelmente também auxilia esse processo.

A maioria das aulas é caracterizada, geralmente, por uma atividade principal, que é bastante variada. Presenciei prova prática de handebol, jogo de basquetebol, jogo de futebol, “câmbio”, jogo de voleibol, corrida de revezamento no atletismo, aulas teóricas sobre atletismo, voleibol, handebol, queimada, campeonato de voleibol adaptado (câmbio) com equipes de outro período e também de outro professor de Educação Física.

As aulas não seguem uma rotina fixa. Durante os dias de chuva, a professora utiliza a sala de aula. Em uma das aulas, ela explicou aos alunos como seria a prova teórica a ser aplicada. A professora também me entregou um modelo mimeografado de prova para a 5ª série.

Os alunos têm cadernos específicos para serem utilizados durante as aulas teóricas e práticas de Educação Física, assim como em qualquer outra disciplina, e a professora solicita que eles os tragam sempre quando houver aulas, pois ela pode não avisar antecipadamente sobre sua utilização.

Em um dia de chuva a aula foi realizada dentro da sala de aula, e o conteúdo explorado foi o voleibol. Um aluno pediu para que realizassem aula prática ali mesmo na sala de aula. A professora comentou comigo que o pedido era decorrente de ter sido ministrada, em dia também chuvoso, uma aula prática de handebol dentro da sala.

Esses procedimentos mostraram a preocupação da professora com a variedade de opções a serem oferecidas aos alunos e, principalmente, o fato de a professora não ligar os esportes coletivos exclusivamente às quadras, o que descaracteriza a questão do espaço físico. Com relação a isso, descreverei a seguir uma atividade realizada por essa professora.

A aula abordava o atletismo e o objetivo era ensinar a técnica para a passagem de bastão na corrida de revezamento. Vale lembrar que, antes do início dessa atividade, a professora foi até uma sala, a qual ela chamou de marcenaria, pegou um cabo de vassoura e, com a ajuda de um serrote, o dividiu em pequenas partes, confeccionando os bastões.

Utilizando toda a extensão da quadra, a professora realizou, com o auxílio de um garoto, um traçado semelhante ao de uma pista de atletismo. A seguir ela colocou todos os alunos sentados à sua volta e desenhou uma pequena pista no chão (com todas as raias e áreas de saltos e arremessos). Depois, lembrou aos alunos, mostrando-lhes os locais, sobre as provas de atletismo que eles já haviam aprendido. Relatou o histórico das corridas de revezamento, tomando toda a atenção dos alunos que se divertiam com os fatos narrados.

Depois ela organizou as equipes, mostrou a área reservada a cada equipe e a cada aluno (zona de passagem), demonstrou como segurar e passar o bastão ao companheiro (brincou com o fato de que, se o passador estivesse cansado, poderia encostar o bastão no bumbum do receptor, e fez o gesto, para o delírio dos alunos), conduziu cada aluno ao seu lugar e iniciou as corridas. Ela corrigiu, incentivou e pediu para que os alunos que estavam assistindo, prestassem atenção aos erros e acertos dos colegas.

Como já mencionado, as aulas não apresentaram uma rotina fixa, um ritual. Os conteúdos foram trabalhados de acordo com a emergência apresentada no momento. Por exemplo: a atividade era aula teórica, pois estava chovendo, e alguns alunos solicitaram à professora que descessem para jogar capoeira no pátio da escola, e ela autorizou. Em outra ocasião, vários alunos de outro período e de outro professor solicitaram à professora que promovesse um campeonato de “câmbio” entre seus alunos e eles. Esses alunos foram prontamente atendidos, já que a professora consultou seus próprios alunos e percebeu um grande interesse. Essa aula também merece ser descrita.

As equipes eram formadas por nove alunos – meninos e meninas, a professora apitava o jogo e pedia para que uma garota (aparentemente com problemas neurológicos) anotasse os pontos no chão. Ela corrigia chamando os alunos pelo primeiro nome. Ao terminar o set a professora solicitava que os alunos trocassem de equipe para que todos tivessem oportunidade de jogar, porém os alunos não queriam fazer a troca. Então, sem conflitos, ela sugeriu uma estratégia para a troca: depois de um determinado número de pontos as equipes se revezariam. Algumas classes se revezaram sem a interferência da professora (os próprios alunos sentiram-se solidários aos colegas).

Durante os jogos, a professora incentivava os alunos o tempo todo, ela explicava, corrigia e elogiava. A garota que estava fazendo a marcação dos pontos entrou no jogo e, apesar de apresentar certa dificuldade, brincou e divertiu-se bastante. Em certo momento percebi a professora insistindo bastante para que uma garota, que estava sem atividade, fosse jogar, porém ela não queria, então, a professora pegou-a pelo braço e a conduziu até a quadra. A garota começou a chorar e a professora pediu para que os companheiros de equipe a ajudassem. Passaram-se alguns minutos e a garota parou de chorar, jogou e até deu palpites sobre o jogo. Ao terminar o jogo uma garota se aproximou da professora e lhe deu um beijo, que em minha opinião representou o agradecimento pela boa aula.

Por várias vezes percebi que a professora demonstrava preocupação com a inclusão dos alunos. Colocava mais alunos que o descrito nas regras para jogar nos times e comentava com esses que as regras estavam sendo transgredidas, mas que o motivo era a participação de todos. Preocupava-se com meninas que ficavam paradas sem atividade ou sem receber a bola durante o jogo. Nesses casos, ela conversava e oferecia outras possibilidades de atividades, ou chamava a atenção para que se movimentassem mais, procurando a participação no jogo.

Durante uma das primeiras aulas notei a presença de um aluno paraplégico (o qual se locomovia em cadeira de roda), e pude constatar sua preocupação com a participação efetiva desse aluno na aula. Utilizando bolas de tênis e de voleibol, ela realizou alguns exercícios de passe e recepção com o objetivo de exercitar os membros superiores desse garoto, além disso, solicitou que outros alunos realizassem atividades nas quais ele pudesse participar.

Os elogios aos alunos surgem naturalmente. Por várias vezes ela elogiou as respostas ou os gestos acertados dos alunos, também incentivando aqueles que erraram. Em uma das aulas observadas, ela foi até o meio da quadra para cumprimentar um aluno que, ao executar o gesto correto no handebol, fez o gol. Ela vibrava, saltava, comemorava com os alunos durante os jogos, sorria sempre e brincava bastante, demonstrando carinho pelos alunos.

Os estudantes eram sempre tratados pelo primeiro nome. Ela procurava sempre estar próxima dos alunos, tocando-os e por vezes conduzindo-os pelo braço, como quando ensinou a posição de defesa e

ataque no handebol ou o local onde o atleta deve esperar o bastão em uma corrida de revezamento no atletismo.

Durante as aulas, buscou orientar os alunos o tempo todo, procurou estar atenta a todas as atividades e proporcionar feedback. Falou sobre as provas, corrigiu-as e comentou os erros mais comuns. Ela corrigiu os erros durante a prova prática e passou orientações antes e durante o jogo, propiciando noções de tática e incentivando os alunos. Sempre lembrou as regras antes e as questionou durante o jogo.

A professora mostrou-se a favor do uso do uniforme e, sem demonstrar estar sob pressão, percebi que todos os alunos utilizavam roupas adequadas para as aulas. Em momento algum ela chamou a atenção para isso. O que ficou evidente é que as boas qualidades da professora e da aula fizeram com que os alunos sentissem prazer em participar, e por esse motivo faziam questão de estar uniformizados.

Com o que foi descrito sobre as aulas dessa professora, é possível fazer uma relação entre sua prática pedagógica e aqueles aspectos que caracterizam um bom professor ou um professor bem-sucedido.

CONCLUSÃO

A professora cujo trabalho foi parcialmente descrito nesse artigo concluiu o Curso de Graduação em Educação Física na década de 1970, como já exposto.

A revisão bibliográfica indica que esse foi um período marcado ainda pela formação que, hoje, chamamos de tradicional, cujas principais características são: professor diretivo, autoritário e que ocupa o papel de treinador em detrimento do de professor. A ênfase está na valorização da prática esportiva acrítica e subjugada, da competição e da performance.

Esse tipo de formação provavelmente não proporcionou ao professor o olhar sobre os indivíduos, já que a predominância foi sobre o ensino dos gestos mecânicos. Além disso, as disciplinas das áreas esportivas e biológicas sobrepujaram aquelas das áreas humanas. O resultado foi um professor com uma prática pedagógica marcada pela ausência do prazer, da ludicidade e da harmoniosa e equilibrada interação com o aluno.

No entanto é fácil perceber que essa professora conseguiu ir além dos aspectos negativos de sua formação e das dificuldades encontradas no contexto escolar e realizar um trabalho que a caracteriza como uma professora bem-sucedida, pois:

1. Ela procurou diversificar tanto o conteúdo, como a maneira de implementá-lo. Além dos esportes que tradicionalmente trabalhados na escola, ela acrescentou o atletismo, a queimada, o jogo de “câmbio” e aulas que abordavam regras, técnicas e origens históricas das modalidades. Além disso, as regras foram modificadas com a preocupação de incluir alunos e facilitar a prática das atividades.
2. Essa professora trabalhou com turmas mistas, e os alunos realmente realizavam as atividades dessa maneira, ou seja, não eram separados por sexo nas aulas.
3. Na interação professor-aluno, foi possível observar que ela utilizou toda uma gama de afetividade positiva, pois elogiou, incentivou e valorizou os alunos, além de tratá-los com urbanidade, identificá-los por seus nomes e demonstrar carinho e atenção o tempo todo.

Nesse sentido, foi possível perceber que essa professora demonstrou preocupar-se, durante sua intervenção pedagógica, em abordar os conteúdos em suas diferentes dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal.

REFERÊNCIAS

- BETTI, M. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, (Edição Especial), v. 3, n. 2, p. 73-127, dez. 1996.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física*/Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 7.

- CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1996. nf.
- DARIDO, S. C. *Ação pedagógica do professor de Educação Física: estudo de um tipo de formação profissional científica*. 1996. nf. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, U.S.P, 1996.
- GALVÃO, Z. *A interação professor-aluno em aulas de Educação Física Escolar*. 1999. nf. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, UNESP, Rio Claro 1999.
- LORENZETTO, L. A. *A escola, o lúdico e a afetividade*. Rio Claro: Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências – UNESP, 1993. (Relatório)
- MACHADO, A. A. *Interação: um problema educacional*. In: DE LUCCA, E. *Psicologia educacional na sala de aula*. Jundiaí: Litearte, 1995.
- SILVA, M. H. G. F. D. *O professor como sujeito do fazer docente: a prática pedagógica nas 5^{as} séries*, 1992. nf. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1992.
- SILVA, S. A. I. *Valores em Educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Contatos

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Faculdade de Educação Física
Av. Mackenzie, 905 – Barueri – SP
CEP 06460-130
E-mail: zgalvao@uol.com.br

Tramitação

Recebido em junho/2002
Aceito em setembro/2002